

**JA
GU
AR**

J. PEDRO BALTASAR

Jaguar

J. Pedro Baltasar

Publicado por:

Porto Editora, Lda.

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

© 2010, J. Pedro Baltasar e Porto Editora, Lda.

Imagens da capa: © Shutterstock.com

1.ª edição: Abril de 2010

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

 **Porto
Editora**

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico, Lda.**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 307105/10
ISBN 978-972-0-04296-5

“Julgar-se-ia bem mais correctamente um homem por aquilo que ele sonha do que por aquilo que ele pensa.”

Victor Hugo, *Os Miseráveis*



Londres, 25 de Fevereiro de 2006

A viatura abrandou à entrada da ruela com a indicação de *rua sem saída* perpendicular ao rio Tamisa. Entrou pela mesma e avançou cerca de noventa metros, após o que se imobilizou, silenciosamente, junto a um pequeno pátio delimitado por um muro. Dos três candeeiros existentes, só dois emitiam uma parca iluminação, insuficiente para impedir que o local fosse deserto e escuro. Acediam ao pátio as portas traseiras de alguns prédios velhos, podendo entrever-se uma luz ténue por detrás dos cortinados de duas janelas, num segundo e num terceiro andar situados à esquerda da rua.

Os faróis foram desligados e a viatura permaneceu discreta na escuridão. Passavam vinte e oito minutos das três da manhã e Londres estava fria naquela madrugada de Fevereiro. Em redor tudo era sossego, com excepção do restolho provocado pelos ratos junto a alguns caixotes ainda com restos de lixo e a mais alguns sacos que o camião da recolha descurara, na pressa, o que era normal naquele local de difícil acesso.

Finalmente, a porta do lado do condutor abriu-se e uma bota de cano alto preta de senhora fez a sua aparição. Depois, uma ponta de gabardina, da mesma cor, foi afastada para fora do carro e, finalmente, a dona dos adereços saiu por completo.

A personagem endireitou-se e compôs a gabardina. Aspirou o ar nocturno e frio que se fazia sentir, sacudiu o farto e comprido cabelo

do rosto, sempre envolvida pela penumbra; olhou em volta, certificando-se de que ninguém se encontrava presente. Fechou a porta do carro e aproximou-se do muro. Olhou uma vez mais as janelas da ruela, com especial incidência para as iluminadas, e examinou os demais recantos. Demorou-se um pouco a observar os ratitos que revolviam os desperdícios.

Subitamente, decidiu-se. Desapertou a gabardina e apoiou-se no *capot* do carro. Em duas penadas, deu um salto e aterrou com uma agilidade e segurança impressionantes, de cócoras, em cima da parede. Olhou, com redobrada atenção, para o lado de lá do muro onde acabara de se postar. Não vislumbrando ninguém, tirou as botas, fazendo correr o fecho, e, com as duas presas numa das mãos, tornou a saltar, pousando com suavidade nas pedras do outro lado.

Tornou a calçar as botas e uma unha encravou-se-lhe no fecho.

– Merda! – deixou escapar baixinho.

Mirou a unha à luz de um outro candeeiro e acertou-a com os dentes. Voltou a apertar a gabardina e, metendo pela ruela mais escura ainda em frente, estugou o passo. As botas ecoavam demasiado para a aparente intenção de discrição; por isso, escolheu cuidadosamente os sulcos e poças de lama, onde o som destas era abafado.

De repente, a meio do trajecto, parou. As mãos abriram-se crispadas, demonstrando uma súbita tensão. Levantou a cabeça e fez algo estranho: farejou, literalmente, o ar à sua volta. Virou-se para o lado direito da rua atrás de si e soltou uma espécie de rosnado baixinho. Um pouco mais atrás, do outro lado do passeio, seguiam-na dois indivíduos de aspecto duvidoso, que estacaram quando ela se virou na sua direcção. Nas mãos de um deles luziu o que ela intuiu ser um objecto metálico – uma faca, ou algo semelhante. Virou-se de novo e acelerou o passo. Acto contínuo, os homens retomaram a perseguição, agora de forma bem mais evidente e denunciada. Ao passar numa outra rua estreita perpendicular, hesitou. Parou e olhou naquela direcção, mas, virando-se outra vez para trás para os perseguidores, exclamou um novo “merda!” entredentes e seguiu em frente, ignorando a viela. Alguns segundos à frente, a rua por onde seguia desembocava num espaço aberto, ladeado por enormes barrações de fábricas e depósitos diversos. Por detrás deles, mais ao fundo, podia perceber-se a existência de uma linha férrea.

Esta área, consideravelmente mais ampla do que a estreita rua que nela desembocava, assemelhava-se a uma espécie de labirinto. Dela partiam várias vielas, quais bocas abertas por entre os edifícios incaracterísticos que as emparedavam por todos os lados, ameaçando engolir quem quer que àquela hora por ali se aventurasse. Do seu lado esquerdo, encontrava-se um canal de água, destinado a pequenas embarcações.

Virou-se para todos os lados sem se decidir. Os passos de corrida atrás dela, agora muito próximos, foram então secundados por um grito de homem.

– É melhor parares, miúda! Aqui não tens safa!

A mulher virou-se.

Os indivíduos estacaram a escassos metros.

– O que querem? – O seu rosto permanecia na penumbra, oculto pelo emaranhado de cabelos desalinados durante a fuga.

Os homens aproximavam-se devagar, cercando-a e empurrando-a na direcção do cais. Um deles, de barrete de lã de marinho, empunhando uma faca, disse então em tom de escárnio:

– Tu aqui és nossa! Podes gritar à vontade. Mesmo que te oiçam, ninguém aqui vem! Nem a polícia.

Ela recuou alguns passos. O outro, ligeiramente mais alto do que o primeiro e de cabelo encaracolado, com ar de indiano, disse, por sua vez:

– Só tens de ficar quietinha. Dás-nos a mala... e...

– Não tenho mala! – A voz dela era decidida, mas para espanto dos assaltantes saíra-lhe estranha e gutural, como uma espécie de grito abafado.

Os homens entreolharam-se, perturbados. Surpreendera-os não só o som estranho da voz da rapariga como a aparente calma com que esta os encarava. A sua estatura contribuía para uma certa hesitação, porque era alta, mais até do que qualquer um dos dois. Isto, juntamente com a postura segura com que os enfrentava, abalara subitamente a impertinente confiança inicial dos indivíduos. No entanto, viraram-se de novo para a presa.

– Não tens mala, pagas com o corpo – gracejou o do barrete.

– Aliás – volveu o outro –, pagavas com o corpo de qualquer forma, com mala ou sem ela.

Ela não se moveu. Os homens aproximaram-se mais e podia sentir-lhes o insuportável cheiro a álcool e suor ressequido que lhe fazia doer a

cabeça e as narinas. Fungou incomodada, mas permaneceu imóvel, fitando os oponentes.

O do barrete aproximara-se a tal ponto que o odor a álcool já se lhe colava à pele. Levantou a mão na direcção do rosto dela, empunhando a faca.

– Valente menina. Não foges? Petrificaste, foi?

– Ou vais a ver até estava a pedir – tornou o mais alto, o dos caracóis.

Virou-se para ela em tom trocista e interpelou-a:

– Olha lá, tu és uma reles puta fina, não és?

Então a mulher surpreendeu-os de novo:

– Aqui ninguém me pode ouvir?

Ela dissera isto num tom surpreendentemente confiante. De aparente desafio, até. Uma espécie de ronco baixinho saía-lhe da garganta.

O do barrete estranhou a ousadia e o ruído, mas retorquiu:

– Ninguém! Lamento! És nossa... Gatinha!

E cuspiu-lhe para cima uma provocação em tom obsceno: “bchhh bchhh bchhh”.

Ela apenas retorquiu:

– Tanto pior! Gatinha... é o termo!

Em milésimos de segundo, atirou-se-lhe ao pescoço e, agarrando-o com uma força fora do comum, cravou-lhe os dentes na garganta, fazendo-o vergar-se para trás, cedendo nos joelhos, num estertor convulso.

Estupefacto, o indiano de caracóis estava vidrado na cena, de olhos esbugalhados e sem se conseguir mexer. Dobrada sobre o homem do barrete, a vítima de segundos atrás sacudia-lhe violentamente a cabeça, emitindo um rosnado feroz. O ruído do gorgolejar do sangue que saía em golfadas da boca dele era arrepiante. Passados uns segundos, ela largou-o e o corpo do marginal caiu no chão como que desconjuntado, a cabeça pendente e os olhos abertos, continuando a sangrar abundantemente da garganta.

Endireitando-se, levantou a cabeça na direcção do outro. A luz escassa do luar incidiu nesse momento no ângulo em que o rosto dela se posicionara. Ele conseguia ver-lhe o brilho amarelo na retina dos olhos, semelhantes a dois faróis. Da boca, escorria ainda um líquido viscoso e brilhante, vermelho escuro. Ela levou a manga do impermeável à boca e limpou-o, sem deixar de fitar o indiano. O homem soltou um grito e

desatou a correr no sentido inverso pela rua de onde tinham vindo. Uns metros à frente, virou-se de esquelha para trás, em corrida, o suficiente para se aperceber da gabardina dela a ser arremessada para o chão e do arranque da mulher, descalça, em sua perseguição. Gelado de pavor, o homem acelerou. Atrás dele, a respiração ofegante fazia-se ouvir cada vez mais próxima. Apercebendo-se da sombra dela projectada já praticamente em cima de si, esquivou-se para o lado esquerdo derrapando na lama e, no mesmo instante, sentiu uma dor cravar-se-lhe na perna direita perto da dobra do joelho. Em corrida, levou a mão à zona atingida e levantou-a frente ao nariz. Estava coberta de sangue.

As calças de ganga tinham sido rasgadas por qualquer coisa cortante que o atingira também. Soltou outro grito e pressentiu novo arranque dela na sua direcção. Tinham chegado agora ao local onde ela se apercebera inicialmente da presença dos marginais, nesta fuga desesperada em que se haviam invertido os papéis de vítima e perseguidor. Ele fez uma inflexão súbita, novamente para o lado esquerdo, abeirando-se de um muro. Em desespero, tentou a subida. Escorregou à primeira tentativa. Na segunda, afastou-se arfando para tomar balanço e, ganhando velocidade, colocou um pé na parede do muro, projectou-se e conseguiu agarrar-se com as mãos ao cimo do mesmo. De imediato, soltou outro uivo de dor. Tinha-as cravado num atapetado de vidros cortados que garantiam precisamente o evitar de acrobacias do género a quem lhe passasse pela cabeça tentar fazê-lo. Nessa posição crítica, gemendo de dor e com as mãos em sangue, fazendo uma força tremenda para se manter seguro, olhou para baixo.

Semiagachada e com o rosnado que ele já lhe ouvira anteriormente, tomava novamente posição. Deu três ou quatro passadas elásticas, antecipando o salto. Nesse preciso instante, o homem apercebeu-se de uma barra de ferro corroída de ferrugem que, frouxamente cravada no muro velho, próximo dele, estava quase partida e prestes a soltar-se. Apoiado numa só mão, arrancou-a de uma vez, desferindo um golpe para baixo, ao acaso. Percebeu, aliviado, que a atingira, mas no mesmo instante uma nova dor aguda indicou-lhe que também ela, uma vez mais, o ferira no salto.

A mulher caiu com um baque seco. Deitando fora a barra, o homem soergueu-se totalmente sobre o muro agora com as botas pisando os

cados. Tinha um novo corte na perna um pouco mais abaixo do primeiro. Lá em baixo, ela tentou erguer-se e sacudiu a cabeça. Em seguida, virou-a na direcção do homem em cima do muro. Os olhares de ambos cruzaram-se. Com o terror espelhado no rosto, voltou a ver o reflexo dourado brilhando nos olhos da mulher, cravados nos seus.

Saltou do muro para o outro lado mas caiu mal, devido às diversas mazelas que lhe tolham os movimentos. Levantou-se e arrastou-se como pôde para longe dali.

– É um demónio! – dizia, esbaforido e arquejante. – Um demónio!

Ela manteve-se alguns segundos sentada no chão, recuperando do esforço. Levou a mão à cabeça e retirou-a com vestígios de sangue, resultantes da pancada da barra com que o indivíduo em fuga a atingira. Depois levantou-se, olhou em volta, sacudiu-se e retornou em direcção às coisas que deixara pelo caminho.